

NOTA À IMPRENSA

São Paulo, 04 de abril de 2005.

CESTA BÁSICA EM VARIACÕES ENTRE -5,22% E 4,31%

Em março, metade das dezesseis capitais onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Sócio-Econômicas – realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica apresentou recuo no custo dos gêneros alimentícios de primeira necessidade. As principais quedas ocorreram em Natal (-5,22%) e Vitória (-2,71%). Em outras oito cidades, foram verificados aumentos no preço do conjunto de produtos essenciais, os mais significativos em Belo Horizonte (4,31%) e Fortaleza (2,01%).

Em duas localidades – São Paulo (R\$ 175,87) e Porto Alegre (R\$ 175,64) – o valor apurado para o conjunto de itens que compõem a cesta básica ficou acima de R\$ 170,00. Com valores ligeiramente inferiores a este patamar encontravam-se Brasília (R\$ 167,29) e Rio de Janeiro (R\$ 167,02). Por outro lado, apenas em Fortaleza (R\$ 127,42) o custo da cesta foi inferior a R\$ 130,00. Recife (R\$ 131,19), Salvador (R\$ 132,60) e João Pessoa (R\$ 132,80) registraram valores bastante próximos a este nível.

Para calcular o valor do salário mínimo necessário, o DIEESE leva em consideração o preceito constitucional que determina que o salário mínimo deveria ser suficiente para a manutenção do trabalhador e de sua família, suprindo suas necessidades com alimentação, moradia, transportes, educação, higiene, saúde, vestuário, lazer e previdência. A partir desta definição e considerando o maior custo apurado para a cesta básica, o DIEESE estima que, em março, o salário mínimo deveria ser de R\$ 1.477,49, ou seja, 5,68 vezes o piso vigente, valor muito semelhante ao requisitado em fevereiro (R\$ 1.474,96, quando equivalia a 5,67 vezes o menor valor pago).

Variações acumuladas

Apenas em Brasília (-0,85%) a variação acumulada do preço da cesta básica nos três primeiros meses deste ano é negativa. Com exceção da capital federal, os menores aumentos acumulados entre janeiro e março verificaram-se em Porto Alegre (0,51%) e Rio de Janeiro (0,99%). As maiores elevações foram apuradas em Curitiba (6,68%), Recife (6,67%), Salvador (5,37%), João Pessoa (5,29%) e Goiânia (5,10%).

Em 12 meses – entre abril de 2004 e março de 2005 – as seis capitais do Nordeste onde o levantamento é realizado registram variação acumulada negativa entre -3,95%, apurada em

Salvador, e -11,29%, registrada em Fortaleza. As outras 10 localidades apresentaram aumentos entre 1,92% (Belo Horizonte) e 9,53% (Florianópolis).

Cestax jornada

O equilíbrio entre as capitais onde o preço da cesta básica subiu e nas quais houve redução fez com que, em março, na média das dezesseis capitais, a jornada necessária para que o trabalhador que ganha salário mínimo pudesse adquirir os gêneros essenciais se mantivesse em nível semelhante ao apurado no mês anterior. Assim, em março, o trabalhador com rendimento no patamar mínimo comprometeu 128 horas e 39 minutos para realizar a mesma compra que, em fevereiro, exigia 128 horas e 50 minutos. Em março de 2004, a mesma aquisição requiritava o cumprimento de uma jornada bem maior, de 137 horas e 19 minutos.

A mesma situação pode ser verificada quando se considera o percentual do salário mínimo líquido (após a dedução da parcela referente à previdência) comprometido com a compra dos gêneros essenciais. Em março, esta compra comprometia 63,32% do rendimento líquido, percentual muito parecido com o exigido em fevereiro (63,42%), mas menor que o necessário há um ano (67,59%).

TABELA
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais
Brasil – Março de 2005

CAPITAL	VARIAÇÃO MENSAL (%)	VALOR DA CESTA	PORCENTAGEM DO SALÁRIO MÍNIMO LÍQUIDO	TEMPO DE TRABALHO	VARIAÇÃO NO ANO (%)	VARIAÇÃO ANUAL (%)
BELO HORIZONTE	4,31	157,47	65,85	133h 15min	3,41	1,92
FORTALEZA	2,01	127,42	53,07	107h 49min	2,16	-11,29
GOIÂNIA	1,93	156,48	65,17	132h 24min	5,10	6,22
FLORIANÓPOLIS	1,61	161,74	67,36	136h 51min	2,74	9,53
CURITIBA	1,33	166,32	69,27	140h 44min	6,68	7,70
SÃO PAULO	0,47	175,87	73,25	148h 49min	2,13	5,34
RECIFE	0,31	131,19	54,64	111h 00min	6,67	-4,55
PORTO ALEGRE	0,04	175,64	73,15	148h 37min	0,51	7,23
BELÉM	-0,37	154,69	64,42	130h 53min	3,33	5,28
SALVADOR	-0,85	132,60	55,22	112h 12min	5,37	-3,95
JOÃO PESSOA	-0,99	132,80	55,31	112h 22min	5,29	-5,14
ARACAJU	-1,00	133,58	55,63	113h 02min	1,73	-6,18
RIO DE JANEIRO	-1,63	167,02	69,56	141h 19min	0,99	5,33
BRASÍLIA	-1,65	167,29	69,67	141h 33min	-0,85	2,68
VITÓRIA	-2,71	159,26	66,33	134h 46min	4,52	6,87
NATAL	-5,22	133,18	55,47	112h 41min	1,05	-6,98

Fonte: DIEESE

Comportamento dos preços

Em março, a maioria dos produtos que compõem a cesta básica não apresentou comportamento predominante de alta ou baixa na maior parte das capitais onde a pesquisa é realizada. Apenas o café – com aumento em 12 localidades – e a carne – com redução em 11 – tiveram uma tendência clara no mês. Nos demais casos, houve equilíbrio entre o número de cidades onde o preço subiu ou caiu ou mesmo registro de estabilidade.

As maiores altas no preço do café ocorreram em Aracaju (8,19%), Salvador (7,73%) e São Paulo (5,90%). Em Fortaleza, houve estabilidade e no Rio de Janeiro (-7,81%), Florianópolis (-2,58%) e Porto Alegre (-0,85%), redução. Em 12 meses, o café também registra predominância de alta, com aumento em 12 localidades, os mais expressivos verificados em Goiânia (14,20%), São Paulo (14,13%), Natal (9,95%) e Brasília (9,24%). O preço caiu em Belo Horizonte (-2,62%), Rio de Janeiro (-1,39%), Salvador (-0,45%) e Florianópolis (-0,20%). O comportamento do preço do café tem como justificativas quebra de safra, aumento no mercado internacional e o crescimento do consumo.

O preço do leite aumentou em nove capitais, com destaque para Rio de Janeiro (7,19%) e Curitiba (5,13%). Em quatro localidades foi apurada estabilidade: São Paulo, Fortaleza, Vitória e Aracaju. Em outras três cidades, o custo do produto se reduziu: Belém (-0,69%), Goiânia (-0,77%) e Belo Horizonte (-3,16%). Em 12 meses, porém, o leite registrou forte elevação, comportamento apurado em 14 capitais, em especial Salvador (26,27%), Vitória (25,25%) e Belo Horizonte (20,79%). Houve estabilidade em João Pessoa e queda em Aracaju (-1,68%).

Produto que tem o leite como matéria-prima, a manteiga apresentou alta em nove localidades, em particular em Recife (4,15%) e Porto Alegre (3,22%). Dentre as sete cidades com redução, as mais expressivas verificaram-se em Brasília (-3,99%), Belo Horizonte (-2,69%) e João Pessoa (-2,67%). Em um ano, a manteiga registrou elevação em 14 capitais, principalmente no Rio de Janeiro (27,39%) e em Goiânia (23,66%).

Também em nove capitais foi apurada alta no preço do tomate – produto sujeito a fortes oscilações. Taxas expressivas foram verificadas em Belo Horizonte (31,19%) e Goiânia (27,52%). Houve queda em sete localidades, lideradas por Natal (-30,68%) e Vitória (-29,41%). Em 12 meses, o preço do tomate registrou comportamento predominantemente declinante, com destaque para Fortaleza (-53,42%) e Natal (-36,46%). Também as elevações – verificadas em seis capitais – foram significativas, como ocorreu em Florianópolis (82,61%), Goiânia (33,80%) e Porto Alegre (30,06%). Este comportamento bastante diferenciado é determinado pelo fato de o produto ser fortemente afetado pelas variações climáticas.

Pesquisada apenas nas nove cidades do Centro-Sul do país, a batata também apresentou comportamento bastante heterogêneo. Houve alta, em março, em seis localidades. Em Belo Horizonte, o aumento chegou a 47,47%, mas foi bem menor nas demais localidades – a segunda maior variação ocorreu em João Pessoa (6,92%). Em fevereiro, a batata havia subido em todas as capitais onde seu preço é pesquisado - a menor variação tinha ocorrido em Belo Horizonte. Em três cidades houve redução: Porto Alegre (-12,71%), Brasília (-7,02%) e Rio de Janeiro (-5,43%).

Quando se considera a variação anual, a batata teve aumento em todas as capitais, com variações entre 46,85%, em Goiânia, e 117,19%, em Florianópolis.

A carne – produto com maior peso na cesta básica – destacou-se, em março, por ser o item que registrou retração em maior número de cidades. As principais quedas ocorreram em Goiânia (-3,07%) e Curitiba (-2,79%). A maior alta foi apurada em Belo Horizonte (7,08%). Nos últimos 12 meses, nove capitais tiveram alta, com destaque para Salvador (10,66%) e Porto Alegre (4,03%). Dentre as sete localidades onde houve recuo, os mais significativos verificaram-se em Belo Horizonte (-3,38%) e João Pessoa (-3,28%). Como a oferta da carne é grande, tem se verificado certa estabilidade em seu preço.

Como que vem ocorrendo desde que o governo isentou de impostos (PIS/Pasep e Cofins) o arroz, o preço do produto voltou a apresentar predominância de queda, em março. O recuo foi verificado em nove cidades, entre as quais Rio de Janeiro (-9,45%) e Goiânia (-3,64%). Belém e Vitória tiveram estabilidade e, dentre as cinco localidades onde houve alta, a principal foi verificada em Curitiba (6,96%). Na comparação anual, todas as capitais apontam forte redução no preço do arroz, com variações entre -16,00%, em Belo Horizonte, e -33,02%, em Florianópolis.

O comportamento do preço do óleo de soja guarda semelhança com o apurado para o arroz. Houve recuo em nove localidades, lideradas por Rio de Janeiro (-3,38%), Belém (-2,71%) e Recife (-2,45%). Em Belém houve estabilidade e em seis outras cidades foram apuradas elevações, as mais expressivas identificadas em Florianópolis (4,45%) e Vitória (3,30%). Em 12 meses, o produto ficou mais barato em todas as capitais, com a menor taxa encontrada no Rio de Janeiro (-16,73%) e a maior em Salvador (-27,81%). A forte seca nos estados do Sul, com quebra acentuada na safra de soja, entre outros grãos, poderá afetar o preço do óleo. No entanto, como no mercado internacional o produto não tem apresentado alta e o câmbio encontra-se razoavelmente estável, poucas oscilações são esperadas. As safras 2005/2006 poderão compensar a quebra desta última, principalmente pela expansão da área de plantio do grão.

São Paulo

Apesar de relativamente baixa, a alta de 0,47% no preço da cesta básica, verificada em março na capital paulista, foi suficiente para que São Paulo voltasse a ter o maior custo para o conjunto de produtos de primeira necessidade, com R\$ 175,87, uma vez que em Porto Alegre os preços mantiveram-se relativamente estáveis (0,04%). Nos três primeiros meses deste ano, a alta acumulada dos produtos de primeira necessidade ficou em 2,13% e, em um ano, acumula aumento de 5,34%.

A principal característica do mês foi a inexistência de grandes variações no preço dos 13 itens que compõem a cesta básica do paulistano. Cinco produtos registraram recuo: banana nanica (-2,27%), óleo de soja (-1,42%), feijão cariocinha (-1,05%), carne bovina de primeira (-0,92%) e manteiga (-0,51%). Leite *in natura* tipo C, pão francês, farinha de trigo e açúcar refinado mantiveram os mesmos preços de fevereiro. Elevações foram apuradas para café em pó (5,90%), tomate (5,42%), batata (4,02%) e arroz agulhinha tipo 2 (1,41%). Os aumentos do tomate e da batata é que foram determinantes para que a cesta tivesse variação positiva.

Nos últimos 12 meses, nove produtos tiveram alta: batata (61,61%), açúcar (51,25%), tomate (18,89%), café (14,13%), leite (9,44%), manteiga (3,63%), feijão (3,45%), carne (1,06%) e pão (0,43%). Os recuos ocorreram com o arroz (-22,99%), óleo de soja (-22,39%), farinha de trigo (-5,22%) e banana (-5,01%).

O trabalhador paulistano que ganha salário mínimo precisou cumprir, em março, jornada de 148 horas e 49 minutos, bastante semelhante, portanto, a requerida em fevereiro (148 horas e 07 minutos) para adquirir os alimentos básicos. Em março de 2004, o tempo de trabalho necessário para a mesma aquisição era maior, correspondendo a 153 horas e 03 minutos.

Quando se compara o custo da cesta com o salário mínimo líquido (após a dedução referente à previdência), nota-se que em março 73,25% do rendimento líquido era comprometido com a compra dos gêneros essenciais. Em fevereiro, este percentual era de 72,90% e há um ano chegava a 75,33%.